

Raul e sua família: considerações psicanalíticas

Raul and his family: psychoanalytic considerations

Cláudio Laks Eizirik*

Resumo

O autor revisa algumas contribuições psicanalíticas para a compreensão dos comportamentos violentos. Utilizando tais dados, procura examinar o caso de Raul e sua família e entender, do ponto de vista psicanalítico, as motivações do paciente e de seus familiares, bem como da equipe que os atendeu.

Descritores: psicanálise; violência; relações familiares.

Abstract

The author revises some psychoanalytic contributions for the understanding of violent behaviour. From these data, the author examines Raul and his family's case and tries to understand, from the psychoanalytic perspective, their motivations, as well as the staff's that was responsible for their care.

Keywords: psychoanalysis; violence; family relations.

Introdução

Ao ler a história de Raul e de sua família, bem como do atendimento realizado, entre várias reações que esse relato me despertou uma das mais fortes foi uma dúvida: estamos face a uma tragédia grega ou a um caso psiquiátrico? Ou, de fato, há mesmo uma nítida demarcação entre esses dois mundos, o dos relatos das trágicas relações eivadas de violência, ciúmes, agressões, amores impossíveis, traições, suicídios, culpas, maldições, perdões, em que deuses e mortais interagem, e os casos clínicos que atendemos, em que todos esses elementos se manifestam ao nível das fantasias

* Professor associado do Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da FAMED-UFRGS; Membro Efetivo e Analista Didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

inconscientes e dos sonhos, mas algumas vezes atingem a dramática materialidade, como no caso de Raul e sua família?

Desde logo, a violência é uma constante na história da humanidade, e em cada povo e cada região; em seus relatos, costumes, tradições, encontramos na violência um dos traços comuns. Só para tomar um dos textos mais lidos no mundo, e que embasa diversas religiões, encontramos na Bíblia incontáveis episódios de violência e de crueldade.

Nos dias atuais, muitas vezes me surpreendo ao observar expressões de incredulidade, perplexidade ou horror face a atos de violência relatados, vividos ou sofridos, seja ao nível pessoal, familiar ou social. Ao mesmo tempo, a violência parece despertar um certo fascínio, e criar uma certa estética, como nos filmes de Tarantino ou Pekinpah, entre outros. O que me surpreende é que não deveria haver tanta surpresa e perplexidade, considerando nosso passado comum, que se mantém presente dentro de todos nós. Penso que nos aproximamos da violência, em suas várias expressões com uma atitude ambivalente, enraizada na atemporalidade do inconsciente: no fundo de cada um de nós sobrevive o ser primitivo que todos fomos, nosso passado ancestral, sedento por saciar seus apetites, sem qualquer consideração pelo objeto, e ao mesmo tempo o verniz de um ser civilizado, sujeito à educação e a uma certa domesticação pulsional, cujos valores essenciais se fundam no respeito pelo outro e na difícil convivência com a alteridade.

Sendo, assim, por natureza, uma das mais prevalentes formas de expressão humana, só se pode pretender alguma compreensão da mesma através de uma aproximação desde múltiplas perspectivas.

Num primeiro momento, revisarei algumas contribuições psicanalíticas sobre a violência, para a seguir procurar descrever de que forma, usando-as e lançando mão de minha forma de pensar analiticamente, procuro entender a tragédia de Raul e sua família.

Uma breve revisão

A palavra violência, segundo Bergeret¹ deriva de uma origem indoeuropeia que se refere à vida. Assim, o instinto natural de violência não é, em essência, destrutivo, muito menos a pulsão de morte, mas sim um expressão natural da vida e da sobrevivência que corresponde ao instinto de autopreservação descrito por Freud em sua primeira teoria pulsional. Envolve o que Freud chamou de uma espécie de crueldade imaginária, em 1897², e descreveu em Instintos e suas vicissitudes como algo comum aos seres humanos e animais, tendo como objetivo proteger a vida e a integridade narcísica do indivíduo.

Na sua segunda teoria pulsional, contudo, Freud³ descreveu claramente a presença de uma pulsão de vida e de uma pulsão de morte, que atuariam dentro da mente em distintas combinações; a dificuldade de inte-

grar tais expressões pulsionais, levaria à expressão da agressividade, e poderia conduzir à violência.

As várias expressões da destrutividade humana percorrem a obra de Freud, mas em sua correspondência com Einstein⁴, sobre o porquê da guerra, ele é muito explícito. Destaca a coexistência da pulsão de vida, representada por Eros, que busca preservar e unir, conforme a proposição de Platão, e a pulsão destrutiva, que busca destruir, separar, matar. De forma similar ao que ocorre na física, no que diz respeito à atração e repulsão da matéria, na mente humana amor e ódio atuam em geral num estado de fusão ou amálgama, numa complexa convivência de forças antagônicas que influencia os sentimentos, idéias, motivações e ações dos seres humanos. No processo civilizatório, conforme propões Freud, é necessário encontrar condições para que pelo menos parte das necessidades pulsionais seja satisfeita, e que, pela adequada repressão e também sublimação de outra parte o restante das energias agressivas e sexuais seja canalizado para o processo construtivo de si mesmo e da coletividade, contribuindo assim para desfrutar dos bens culturais comuns.

Em vários outros trabalhos, como *Alem do princípio do prazer*, *O mal-estar na cultura*, *Dostoiévski e o parricídio*, o tema da destrutividade humana é amplamente examinado, bem como dos impulsos criminosos, em que o complexo de Édipo desempenha um papel central.

Melanie Klein⁵ descreveu com tintas vívidas as fantasias agressivas que habitam a mente infantil, e mostrou como tais fantasias se expressam em sua vida cotidiana, e muito especialmente na transferência, tanto em crianças como em adultos. Em um trabalho mais específico sobre o nosso tema, *Tendências criminais em crianças normais*, Klein destaca que a criança, sob a ação do desenvolvimento edípico, experimenta impulsos sádico-orais e sádico-anais em relação ao pai e à mãe, que podem levar a tendências à prática de atos destrutivos, violentos, cruéis, vingativos, criminosos.

Uma proposta sobre a existência de um instinto de violência foi formulada por autores mais recentes, como Bergeret⁶, em seu livro *A violência fundamental*, em que se baseou nas primeiras hipóteses de Freud para propor uma síntese sobre a teoria da violência instintiva.

Em sucessivos estudos, Fonagy e Target^{7,8} descreveram o processo da mentalização, que está firmemente relacionada com as relações primitivas da criança com seus cuidadores. A criança, segundo eles, só lentamente se dá conta de que tem sentimentos e idéias, e progressivamente se torna capaz de discriminá-los. A experiência do afeto é central para que a mentalização se desenvolva, o que só pode ocorrer no contexto de pelo menos uma contínua e segura relação de apego. Os pais que não conseguem pensar sobre as experiências mentais da criança a privam de uma base para o estabelecimento sentimento de si mesma, algo que foi destacado também por Bion⁹, Winnicott¹⁰. A ausência ou a distorção dessa função es-

pecular pode produzir um mundo psíquico em que as experiências internas são pobremente representadas, criando-se uma necessidade desesperada de encontrar modos alternativos de conter a experiência emocional e o mundo mental. Clinicamente, isto significa que a criança que não recebeu imagens reconhecíveis mas modificadas de seus estados afetivos pode mais tarde ter dificuldade em diferenciar a realidade da fantasia, bem como a realidade psíquica da realidade física. Fonagy e Target sugerem que isto pode restringir a criança a o que chamam de um uso manipulativo, instrumental, do afeto, ao invés de uma maneira comunicativa de fazê-lo. Esse uso instrumental do afeto é um aspecto chave na tendência de pacientes violentos em expressar e manejar pensamentos e sentimentos através da ação física, seja contra seu próprio corpo, seja contra os outros, podendo envolver várias formas de auto agressão ou agressão contra terceiros. Assim, Fonagy e Target afirmam que o paciente violento, não sendo capaz de sentir a si mesmo a partir de seu mundo interno, se vê forçado a experimentar o self a partir do mundo externo.

Em nosso meio, revisando o tema, Meurer¹¹ destacou que condutas violentas, potencialmente autodestrutivas ou mesmo atos criminosos, de maior ou menor magnitude, tendências à delinquência, crimes em estado potencial, isto é, atos criminosos potenciais mantidos sob controle interno por precários mecanismos defensivos às vezes se exteriorizam em condutas destrutivas ou autodestrutivas. Não é raro observarmos que a presença de desejos e fantasias homicidas de natureza edípica contra objetos primordiais e representantes de objetos significativos condiciona o desencadeamento de atos destrutivos potencialmente suicidas.

Num trabalho recente Menninger¹² examinou, de uma perspectiva psicanalítica, as explosões de comportamentos violentos. Segundo ele, os elementos críticos para a irrupção de tal comportamento seriam: 1. um indivíduo percebe uma ferida narcísica que é sentida como profundamente injusta; 2. o indivíduo não tem qualquer esperança de obter uma solução razoável para tal injúria; 3. chega à decisão de que a injúria não pode ser mais tolerada e que deve responder a ela com alguma ação; 4. a pessoa tem acesso a armas para concretizar a capacidade e a potência de responder; 5. o indivíduo sente um suficiente senso de poderio e/ou indiferença face às consequências de iniciar a violência.

Um olhar psicanalítico

Raul é um bom exemplo da equação etiológica de Freud, pois nele confluem elementos constitucionais, vivências infantis e uma situação atual para culminar no ataque homicida contra sua mãe e na tentativa de suicídio.

Vários dos aspectos destacados pelos autores confluem no caso de Raul: uma estrutura familiar instável, a presença de um pai fraco e incapaz

de exercer uma função paterna suficientemente forte e capaz de conter as possíveis fantasias agressivas do filho; uma mãe que exerce tal papel e controla o grupo familiar, avós paternos que estimulam a negação e sustentam a fragilidade do pai; o trauma neurológico, que fragiliza a capacidade mental de Raul, prejudica sua memória e capacidade de mentalização, reduz drasticamente seus já débeis recursos de ego; o início da adolescência, com suas demandas pulsionais, o encontro com uma jovem que o seduz com mentiras e estimula uma pseudo-potência reativa à sua fragilidade.

Ainda assim, todos esses elementos não seriam suficientes para entender a ação matricida: por que a mãe e não o pai, como mandaria a lógica edípica?

Desde logo, chama a atenção a idade dos atores deste drama; aliás, a natureza dramática da história não deixou de influir no relato, em que Raul é chamado de protagonista. Raul é um adolescente, com a mesma idade de sua mãe, quando ele nasceu. Não só os quatro membros da família nuclear são muito jovens, como o funcionamento da família estendida o confirma, na medida em que os pais de ambos os lados desempenham um papel extremamente ativo e influente na vida de Marta e Pedro.

Um aspecto central nesta história é desempenhado pela negação: os pais negam suas dificuldades de relacionamento para supostamente proteger os filhos; Pedro nega sua doença, o alcoolismo, e foge do tratamento; sua mãe nega as dificuldades do filho, e tenta acionar Marta a fazer o mesmo; Marta e Pedro, apesar da pouca idade, decidem manter uma gravidez em circunstâncias adversas, que negam; os familiares de Pedro vão à casa para apagar os vestígios da ação matricida.

Detenhamo-nos neste ato. Mais do que qualquer aspecto policial ou jurídico, o que salta aos olhos aqui é que os familiares se unem numa negação conjunta da violência homicida de Raul, e tentam apresentar a versão de tentativa de suicídio, apenas. Penso que esta dupla ação: eliminar os vestígios do crime e evitar a ida para uma instituição que poderia ser cruel com Raul, através de uma omissão e de uma mentira, estão no centro da vida desta família. Ou seja, as coisas não podem ser vistas como são, mas como deveriam ser, como seria desejável que fossem.

Voltando ao papel da negação, embora sem descuidar a relevância do trauma cerebral, ou a necessidade da medicação, esses são dois elementos também usados para negar a profundidade do drama emocional de Raul e sua família. São racionalizações salvadoras, que servem para encobrir o drama da existência humana, como uma ocasião descreveu Cyro Martins, e são observáveis em muitos outros casos, e numa certa visão reducionista da psiquiatria.

O acidente e suas conseqüências desempenham um papel essencial no comportamento e na vida mental de Raul, não só em termos neurológicos, nos problemas de memória, e de expressar emoções. Mas no possível

significado de castração que pode ter tido: no alvorecer da puberdade, Raul é atropelado e deixado desprovido de muitas funções essenciais como a capacidade de sentir e de expressar o que é sentido. Segundo ele, ficou um morto-vivo, e só se sente vivo quando deseja alguém, ou se sente apaixonado, como se nestes momentos conseguisse desfazer a castração e se tornar potente. Isto assume contornos dramáticos quando surge Tâmara.

Tudo em Tamara é alimento para a negação: ela mente sobre todos os aspectos de sua vida, mas todas essas mentiras são um néctar para o desejo morto-vivo de Raul. Ao lado de Tamara, Raul é um garanhão, um leão, tem uma extraordinária potência, e realiza o sonho impensável de vir a ser pai. O pai que lhe faltou agora será vivido por ele; talvez esse filho imaginário contenha aspectos idealizados do que Raul gostaria de ter sido, de ter vivido. Ele e Tamara serão os pais que ele, e talvez ela, não tiveram.

Ao longo de sua curta vida, Raul teve um pai ausente, omissivo, frágil, dependente, e uma mãe dominadora, controladora, mas também negadora. Suponho que Raul tenha odiado muito seus pais, pela frustração de não tê-los nas funções que seria de se esperar, e seu relacionamento com eles parece ter sido evidência desse aspecto ambivalente. Nesse contexto, como teria sido sua experiência edípica? Como teria podido estruturar uma personalidade, com pouca presença do pai, excessiva presença da mãe, excessiva intromissão de outros familiares? A mãe era “a moça que me cuida”, durante a recuperação do acidente, mas depois foi o primeiro alvo de seu ataque.

Penso que a negação de suas fragilidades ficou substituída por uma aliança maníaca com Tamara, a formação de um par poderoso que viveria feliz e formaria uma nova família, mas para isto seria preciso eliminar a mãe, depois o pai e afinal o irmão.

Os pais negaram a autorização para que os dois vivessem juntos em sua casa. Isto talvez tenha sido percebido como uma interdição ao gozo, uma intolerável castração, uma insuportável declaração de que eles teriam que cair na realidade; então viveriam juntos dentro do carro, outra negação. Se os pais decidem interditar, impor a lei, então é preciso eliminá-los, para se apossar de sua casa, de sua cama, de seu carro, em suma, para ter acesso à potência genital.

Raul veste luvas cirúrgicas para matar a mãe, ou seja, não sujará suas mãos no sangue daquela que lhe deu origem e que, apesar dos pesares, sempre foi a moça que cuidou dele. A descrição da cena do crime sugere um misto de ação homicida com ataque sexual: Raul se atira em cima da mãe, tapa sua boca e atinge sua garganta, parece querer calá-la, impedir a sua voz, eliminar a pessoa que, dentre todas, é a que tem mais contato com as emoções (foi a única que conseguiu de fato enfrentar seus demônios interiores numa psicoterapia analítica), percebe mais as coisas, e que possivelmente corporifica neste momento o que Raul mais odeia: o contato com a

realidade e a consciência de suas limitações. Contido a caro custo pela reação da mãe, Raul sai e volta com outra faca, pedindo a ela que o mate: aqui parece estarmos frente a uma situação ambígua que, numa mesma ação, inclui o amor e o ódio: o instrumento perfuro-cortante que mata é ao mesmo tempo um possível símbolo fálico que expressa potência e posse de um objeto tão amado e desejado quanto inatingível e proibidos. Como ainda por cima, é ela quem parece mandar na casa, o ataque também pode incluir uma ação contra a figura e função paternas.

Marta consegue impedir que Raul a mate e ao irmão, seja porque ele está debilitado pelo crack, pelo estado psicótico, seja porque ele talvez ao mesmo tempo não quisesse matá-la, ambivalentemente. Ao impedir que Raul matasse sua mãe, Marta prestou-lhe outro grande cuidado, amoroso, mas lhe trouxe ao mesmo tempo um problema que talvez seja insolúvel.

Outra negação: a mudança da disposição das peças, e a colocação de Raul numa espécie de prisão domiciliar; o que fará, ou conseguirá fazer com a prisão em que se meteu ?

A intensidade da violência e seus significados edípicos, talvez tenha sido um dos elementos que dissociou a equipe: afinal haverá o que fazer com um caso desses, esse é um crime que mereça perdão terapêutico, e que nos leve a tentar ajudar uma pessoa que tentou matar o objeto primeiro e primeiramente amado de quase todos nós?

Mesmo na dúvida, a equipe terapêutica lançou-se bravamente à tarefa de atender Raul e sua família.

A beleza deste caso, apesar ou talvez devido à natureza dramática do mesmo, consiste em ilustrar que em situações como esta, apenas o trabalho em equipe pode ter algum resultado, e que diferentes aproximações são necessárias e complementares; a espinha dorsal do atendimento, conforme o relato, consistiu na relação da mãe com uma terapeuta, e no sólido vínculo que estabeleceram, talvez uma experiência emocional corretiva, como diria o hoje esquecido Alexander, entre uma pessoa (e uma equipe) que não perdeu a esperança e uma parte da família (Marta, sem dúvida, mas um aspecto interno também dos outros) que não desistiu de tentar alguma redenção possível.

Um tema que perpassa o atendimento, além das resistências generalizadas, é o da busca do perdão, mas talvez aí se devesse perguntar: que perdão? Apenas o de Raul, que tentou matar a mãe, porque não conseguia deixar de ser filho, nem assumir sua genitalidade? O de Pedro, que não conseguia ser pai nem marido e vivia fugindo para o álcool? O dos avós, que faziam de conta que tudo ia bem? Ou de Marta, com suas deficiências e inclusive sua dificuldade de se separar de Pedro? Ou o da equipe terapêutica, que apesar de sua brava e dedicada atividade, falhou em conseguir realizar a solução mágica e onipotente de restituir o precário equilíbrio familiar, e, como os pais de Pedro, limpar com luvas psicocirúrgicas a cena do

crime e contribuir para a negação máxima: nada de mais grave aconteceu. Ou o do que escreve este comentário, e percebe dolorosamente como são limitados nossos recursos terapêuticos e nossa capacidade de dar sentido, significado e talvez perdão aos crimes reais e fantasiados que pululam na mente humana? Muitos perdões seriam necessários.

Embora Marta prossiga em seu tratamento, com boa capacidade de insight, Cássio esteja evoluindo, Pedro tenha obtido algumas esporádicas atitudes paternas, o grande protagonista deste drama, Raul, ainda que se mantenha de forma razoável, já teve várias depressões e não se sabe o que será de sua vida daqui em diante. Pelo que se depreende do relato, apesar de ter pedido para ver as fotos da mãe atacada por ele, e ter tentado se aproximar de alguma forma da posição depressiva, o conjunto de suas dificuldades emocionais e neurológicas, e talvez a própria natureza de seu ato criminoso, talvez não lhe permitam entendê-lo, em toda sua extensão. Ou seja, esta é uma verdade que talvez nunca possa enfrentar, e o padrão familiar de negação possivelmente seja o melhor recurso ao seu alcance

A história de Raul e sua família ilustra bem algo que necessitamos ter em mente ao considerar os alcances e limites de nossas diversas intervenções terapêuticas, e que foi sintetizado pelo poeta espanhol Antonio Machado: Nunca es triste la verdad, lo que no tiene es remedio.

Referências

1. Bergeret J. La violence et la vie. Paris, Payot, 1994.
2. Freud S. (1915) Os instintos e suas vicissitudes, In Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol XIV, Rio de Janeiro, Imago, 1974.
3. Freud S. (1920) Além do Princípio do Prazer, in Ed Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, , volXVIII, Rio de Janeiro, Imago,1976.
4. Freud S. (1932) Por Que a Guerra? In Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Rio de Janeiro, Imago,1976.
5. Klein M. (1927) Criminal tendencies in normal children. In Klein, M. The Writings of Melanie Klein, London, Hogarth, 1975.
6. Bergeret J. La violence fondamentale, Paris, Dunot, 1984.
7. Fonagy P, Target M. Towards understading violence: the use of the body and the role of the father Intern. J. Psychoanal, 76:487-502, 1995.
8. Fonagy P, Target M. Attachment and reflective function: Their role in self-organization Development and Psychopathology, 9:679-700, 1997.
9. Bion WR. Learning from experience. London, Heineman, 1962.
10. Winnicott D. Playing and Reality, London, Tavistock, 1956.

11. Meurer JL. Crime e violência: aspectos clínicos, Revista Brasileira de Psicanálise, v. 39, n 2: 143-148, 2005.
12. Menninger W. A psychoanalytic perspective on violence. Bulletin of the Menninger Clinic, 71(2): 115-131, 2007.

Recebido em: 07/04/2011

Aceito: 15/04/2011

Endereço de correspondência:

Cláudio Laks Eizirik
Rua Marquês do Pombal, 783 sala 307
90540-001, Porto Alegre, RS
E-mail: ceizirik.ez@terra.com.br